

DOCUMENTAÇÃO NOS MUSEUS DA IBERO-AMÉRICA: PESQUISA 2021-2022

Grupo de Trabalho DOMINO ICOM-CIDOC (Documentando
Museu Iberoamericano)

outubro de 2024 (dados recolhidos em 2021-2022)

ICOM international
council
of museums

M CIDOC international
committee
for documentation

**COMITÊ INTERNACIONAL DE
DOCUMENTAÇÃO ICOM/CIDOC**

<https://cidoc.mini.icom.museum>

CONSELHO DA CIDOC

Trilce Navarrete, Países Baixos

Presidenta

Jonathan Ward, Estados Unidos

Vice-presidente

Magnus Bognerud, Noruega

Secretário

Gordon McKenna, Reino Unido

Tesoureiro

Edurne Uriarte Santillán, México

Editora

Adele Barbato, Estados Unidos

Membro regular da diretoria

Frank von Hagel, Alemanha

Membro regular da diretoria

Paula Casajus, Argentina

Membro regular do conselho

Wesam Mohamed, Egito

Membro regular da diretoria

Autores

Ana Álvarez, Ana Vivarés, César Huiza, Juliana Alves, Juliana Monteiro, Marcela Covarrubias, Pedro Ángeles, Paula Casajús, Trilce Navarrete.

Contribuição

ICOM Chile, ICOM Espanha, ICOM Guatemala, ICOM México

Outil d'intelligence artificielle, Mika Nyman

Tradução

Outil d'intelligence artificielle, Mika Nyman

Revisão de texto

Juliana Monteiro

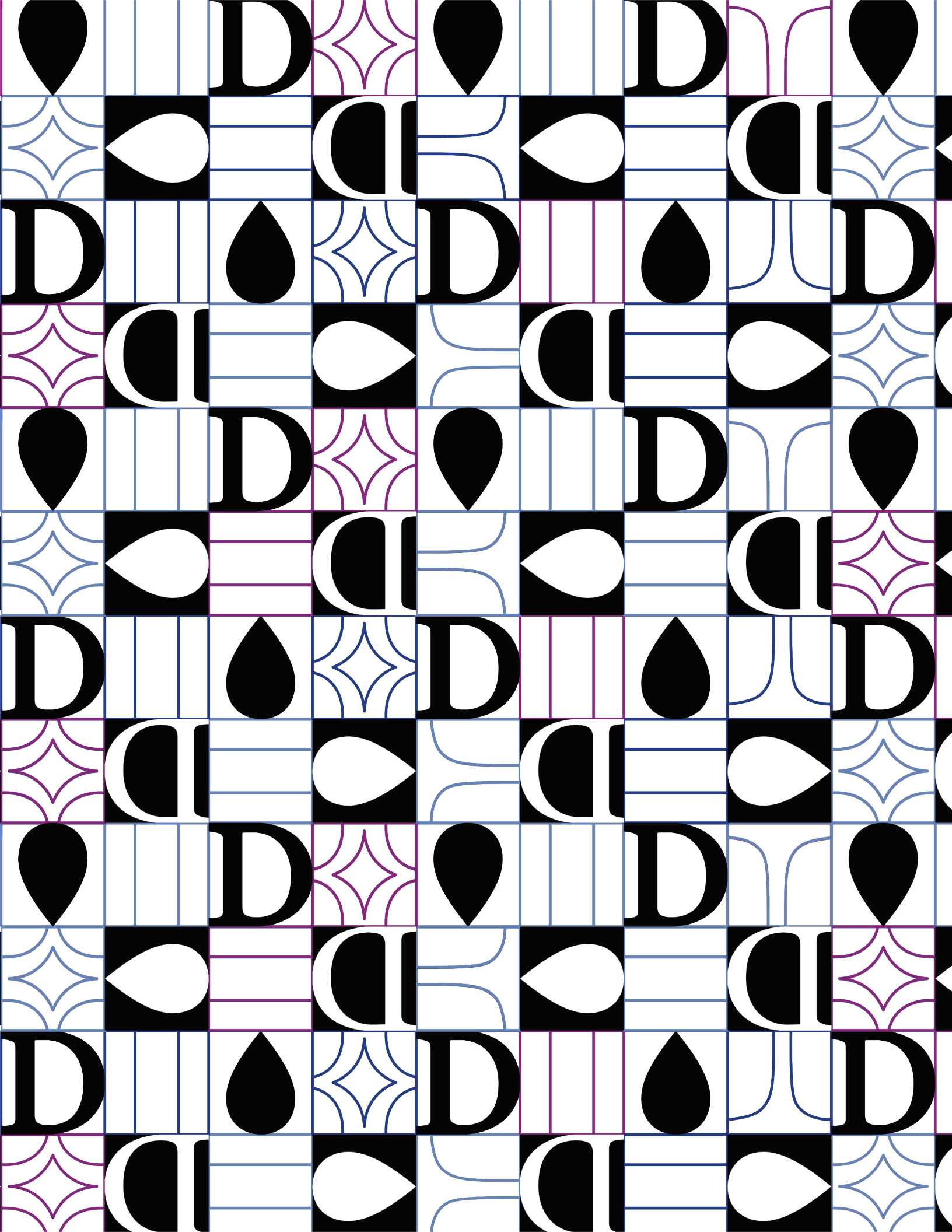
Design Gráfico

Laura Ángeles Fernández

Edição Geral

Edurne Uriarte Santillán, Editora da CIDOC

Citar: Huiza, C., Covarrubias, M., Casajús, P., Álvarez, A., Navarrete, T., Ángeles, P., Vivarés, A., Monteiro, J., Alves, J. (2024). *Documentação em Museus Ibero-americanos: Inquérito 2021-2022*. Relatório ICOM-CIDOC.



6 SUMÁRIO EXECUTIVO

10 INTRODUÇÃO

11 METODOLOGIA DA PESQUISA

13 RESULTADOS

13 1. Sobre si

14 2. Sobre o seu museu

20 3. Sobre o público

22 4. Sobre a sua coleção

27 5. Sobre o nível de documentação da coleção

32 6. Sobre as associações profissionais de museus

36 7. Avaliação da documentação

38 8. Observações adicionais

39 CONCLUSÕES

44 9. Sobre uma possível estratégia do CIDOC para os museus ibero-americanos

50 ANEXOS

50 Anexo 1. Quadros de respostas

52 Anexo 2. Questionário

55 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SUMÁRIO EXECUTIVO

O Grupo de Trabalho sobre Documentação do Museu Iberoamericano (DOMINO), formado por profissionais da área de museus e patrimônio da Ibero-América, considerou importante obter uma primeira aproximação do estado da documentação museológica na região. Para tanto, foi realizado um estudo através de uma pesquisa realizada entre 2021 e 2022. Graças à participação ativa da comunidade, foram recolhidas várias respostas, que foram analisadas e apresentadas graficamente no presente relatório.

Os resultados das 138 respostas recebidas de 13 países (Argentina, México, Brasil, Chile, Portugal, Equador, Guatemala, Paraguai, Uruguai, Espanha, Peru, Colômbia e Jamaica), foram organizados em oito blocos temáticos, cada um dos quais inclui um número variável de perguntas e respostas, acompanhadas da respectiva representação gráfica e observações relevantes. As conclusões avaliam o alcance do estudo, tendo em conta os comentários dos participantes, e analisam os problemas da documentação museológica na região. As reflexões mais importantes são as seguintes:

- **Há necessidade de internalizar o trabalho de documentação nos planos estratégicos dos museus, seguindo os princípios do CIDOC.** Os dados revelam que 75% dos museus dispunham de pessoal para o trabalho de documentação, mas 54% das instituições não conseguiram determinar o tempo dedicado a esta atividade.
- **Embora os inventários dos museus estejam avançados, refletindo um bom conhecimento geral das coleções, a catalogação detalhada é uma área fundamental para reforçar a sua documentação.** Esta afirmação baseia-se no fato de 78% das instituições possuírem inventários das suas coleções. Ao mesmo tempo, apenas 12% têm uma catalogação completa e 26% não têm qualquer catalogação.
- **Existe uma relação variável entre o valor da documentação, a disponibilidade de pessoal e o tempo despendido com a documentação. As instituições que atribuem pouco valor à documentação, com pouco**

peçoal dedicado, dedicam naturalmente um tempo médio a esta prática. Enquanto que as instituições que valorizam muito a documentação, com mais peçoal dedicado, disponibilizam apenas um tempo médio para esta prática. No grupo com uma classificação "Baixa-Muito baixa", apenas 6 instituições têm peçoal a tempo parcial ou a tempo inteiro, dedicando uma média de 50% do seu tempo à documentação. Em contraste, o grupo com classificação "Alta-muito alta" tem 81 participantes com peçoal dedicado, mas apenas 57% do tempo é gasto, apesar da elevada classificação da prática. **No entanto, uma explicação para o resultado acima pode basear-se no fato de as instituições enfrentarem dificuldades em dedicar horas específicas à documentação devido a múltiplas tarefas, para além de uma dupla carga de trabalho na gestão de sistemas de informação analógicos e digitais para os seus inventários e catálogos. Este fato sugere a necessidade de explorar opções que reduzam esta carga sem comprometer a segurança dos dados.**

- **Existe uma oportunidade para reforçar a documentação dos museus e garantir a sua sustentabilidade futura. A partir das várias formas como os museus salvaguardam a informação das coleções, que incluem abordagens físicas e digitais, refletindo uma preocupação em melhorar a segurança da documentação.** Os resultados mostram que 67% dos museus têm ambas as formas de documentar, o que representa uma dupla carga de trabalho. Além disso, 14% das suas coleções ainda estão documentadas fora dos sistemas digitais. No entanto, embora se reconheça a necessidade de um sistema de documentação abrangente, prevalece a ideia do arquivo como principal estratégia de salvaguarda.

- **Embora os museus da região tenham aderido à transformação digital na sua documentação, 56% deles não atualizam as suas informações online, o que conduz a bases de dados obsoletas que limitam a sua utilização social. Para superar este desafio, é necessário não só digitalizar os objetos, mas também organizar a informação de forma computadorizada, estabelecendo normas e vocabulários controlados.** Isto ajudaria a integrar e a partilhar dados entre diferentes organizações de memória (bibliotecas, arquivos e museus), mas também coloca desafios em termos de acesso e de gestão da informação.

- **Os museus utilizam sobretudo tecnologias centradas nas redes sociais e poucas organizações tiram partido de plataformas como as**

da Fundação Wikimedia. Uma participação mais ativa nestas plataformas poderia transformar o acesso às suas coleções e a forma como gerem a informação sobre os seus objetos.

- **Embora o caminho para a digitalização seja inevitável, reconhece-se que é necessário tempo, recursos e preparação para organizar a documentação interna.** A transição para a Web para a publicação de catálogos de coleções é essencial, mas complicada pela falta de profissionais, de soluções tecnológicas adequadas e do custo de manter as iniciativas a longo prazo.
- **Deseja-se que as normas do patrimônio cultural sejam fluidas e integradas nas políticas institucionais, e que contribuam para a formação de dados patrimoniais em bases de dados e vocabulários controlados.** Reconhece-se a necessidade de melhorar a documentação na região, esperando-se que em breve se disponha de dados que identifiquem as áreas abrangidas e as que requerem atenção urgente.
- **Considerar, num estudo futuro, ser mais explícito nas definições e pedidos das perguntas, com base nas observações dos participantes de que algumas perguntas da pesquisa são difíceis ou ambíguas de compreender.**

O relatório é complementado por uma proposta de possíveis estratégias do CIDOC para abordar os problemas da documentação museológica na Ibero-América. Neste sentido, o CIDOC propõe:

- **Ativação de *satélites regionais* para estabelecer redes. Em primeiro lugar, com as organizações participantes no estudo para apoiar e incentivar a profissionalização da documentação do patrimônio cultural.** Tal decorre do fato de, das 183 entidades, 86 terem manifestado interesse em colaborar com o Comitê na elaboração de guias e de apenas algumas terem declarado que utilizam uma norma nacional ou internacional.
- **Ajudar os museus que expressaram uma baixa valorização dos seus acervos museológicos a reavaliar as suas coleções e destacar os benefícios da implementação de normas como o *Object ID* que beneficiam a segurança das suas coleções.** Os museus com uma elevada cobertura da norma *Object ID* atribuíram um valor mais elevado à existência de objetos de valor para a humanidade.
- **Desempenhar um papel fundamental na profissionalização da**

segurança digital destes museus, dando a conhecer as normas que desenvolveu para a interoperabilidade e a gestão dos dados culturais (LIDO, EODEM, CIDOC CRM); promover a cooperação e o intercâmbio de informações entre instituições culturais de todo o mundo. Esta ação baseia-se na necessidade expressa por 64 museus de uma maior segurança digital.

- **Orientar as instituições, através dos grupos de trabalho, na otimização dos benefícios e da necessidade de partilhar as suas coleções como parte da responsabilidade social dos museus.** Isto em resposta a 20 instituições que expressaram uma *baixa apreciação* pela partilha das suas coleções a nível internacional.

Por último, o relatório inclui quadros que mostram a participação por país, as preferências de utilização das redes sociais e as 29 perguntas colocadas aos participantes da pesquisa.

DOCUMENTAÇÃO NOS MUSEUS DA IBERO-AMÉRICA:

PESQUISA 2021-2022

INTRODUÇÃO

Em 2021, o grupo de trabalho DOMINO-CIDOC iniciou diferentes ações para compreender a realidade da documentação museológica praticada na região. Em resposta a um dos princípios fundamentais do Código de Ética do ICOM, no qual *"a noção de boa gestão é inerente a esta missão de interesse público e engloba os conceitos de propriedade legítima, permanência, documentação, acessibilidade e cessão responsável"* (ICOM, 2017, p. 8), (ETHCOM, 2017, p. 8). (ICOM, 2017, p. 8), (ETHCOM, 2020). Neste sentido, considerou-se viável a realização de um estudo através de uma metodologia de investigação qualitativa e quantitativa, baseada na descrição indireta, que recolheu e analisou uma série de dados através de questões fechadas e abertas, a partir de uma amostra de participantes representativos (García et al., 1993). Assim, foi desenvolvido uma pesquisa que permitiu ao grupo de trabalho traçar o perfil de quantos museus se dedicam diariamente à documentação e de que forma, focando a sua relação com as normas, as tecnologias de informação, as redes sociais e as noções de inventário e catalogação.

Uma vez formalizada a pesquisa, a primeira resposta foi recebida a 31 de agosto de 2021 e a última a 3 de março de 2022, momento em que o processo de recolha de informação foi declarado encerrado. Durante este período, foram recebidas 138 (100%) respostas ao inquérito, das quais 101 eram provenientes do mundo hispânico e 37 principalmente do português (**fig. 1**).

O grupo de trabalho para esta pesquisa o, desde o planeamento à implementação e publicação, foi constituído por: Ana Álvarez, Ana Vivarés, César Huiza, Juliana Alves, Juliana Monteiro, Marcela Covarrubias, Pedro Ángeles, Paula Casajús, Trilce Navarrete.



FIG. 1: LÍNGUA DAS RESPOSTAS

● Espanhol	73.2% (101)
● Português	26.8% (37)

METODOLOGIA DA PESQUISA

Na pesquisa, o grupo de trabalho DOMINO-CIDOC propôs questões gerais, embora o conteúdo se centrasse em questões relacionadas com a documentação museológica e, para atender às principais línguas da região, decidiu-se fazer uma versão espanhola e uma versão portuguesa exatamente iguais, divulgadas através de contatos com os comitês nacionais do ICOM, bem como dos contatos pessoais do próprio grupo. A pesquisa foi dividida nas seguintes seções:

- 1.** A primeira, *Sobre si*, sobre os dados da pessoa que responde à pesquisa e o cargo que ocupa na sua organização, bem como o seu interesse em estar ligado ao CIDOC no futuro para trabalhar em questões de documentação.
- 2.** Em *Sobre o seu museu*, foram solicitados os dados gerais de cada organização, bem como a sua relação com as redes sociais e os projetos importantes gerados pela Fundação Wikimedia. Nesta seção, foi dada especial atenção à diferenciação entre o número de pessoas que trabalham no museu e as que são responsáveis por tarefas específicas de documentação, bem como o tempo que dedicam a esse trabalho.
- 3.** A seção seguinte, *"Sobre o público"*, apresenta números relacionados com os públicos da organização pesquisada.
- 4.** A seção *"Sobre a sua coleção"* é uma das mais estratégicas, uma vez que solicitava informações sobre as coleções de cada museu,

se dispõem de um inventário e em que formato o mantém; se dispõem de um catálogo e qual a sua evolução em relação à coleção; em que formato o mantém, bem como o grau de segurança que consideram ter a informação do museu.

5. Igualmente importante é a seção *sobre o nível de documentação da coleção*, que pergunta quais as normas que orientam o trabalho de documentação, quais os progressos realizados no que diz respeito à identificação básica dos objetos, se a organização dispõe de um portal Web e qual a percentagem das suas coleções que considera estar online, perguntando com que frequência esta informação é atualizada e, por último, qual a percentagem da sua coleção que dispõe de uma ficha de registo baseada na norma de Object ID.

6. Na seção *Sobre as associações profissionais de museus*, as perguntas incidiam sobre quais as organizações de património cultural que lhes são familiares, se existe alguém em cada museu pesquisado que trate de questões de propriedade intelectual, se já participaram em eventos relacionados com questões de documentação ou profissionais e quais as instituições que têm como modelo ou referência.

7. Na última seção, foram colocadas três questões para encerrar a pesquisa, através de um método de avaliação para saber qual o valor que cada organização pesquisada tem da documentação; se tem objetos valorizados como património da humanidade e se há interesse de cada museu em partilhar as suas coleções e objetos globalmente.

O questionário da pesquisa está no **Anexo 2**.

RESULTADOS

1. Sobre si

Graças à generosa participação dos indivíduos pesquisados, 82 pessoas estão envolvidas no setor operacional do museu: museólogos (7), restauradores e conservadores (9), guias, bibliotecários, entre outros. Além disso, 56 pessoas atuam no setor administrativo do museu, em suas áreas gerenciais ou administrativas, incluindo o diretor ou vice-diretor do museu (35), curadores, administradores ou seus assistentes, supervisores e até membros de seus conselhos curadores. Graças a esta integração de cargos e distribuição de responsabilidades, pode concluir-se que a pesquisa foi realizada por pessoas com formação em gestão ou conhecimento dos processos do museu (**fig. 2**).



FIG. 2. QUAL É A SUA FUNÇÃO OU CARGO NO MUSEU?

- **Setor administrativo**
(56, 41%)
Diretor,
Administrador,
Gerente,
Supervisor,
Membro do
Patronato
- **Setor operacional**
(82, 59%)
Museólogo,
Restaurador,
Conservador,
Educador,
Bibliotecario,
outros

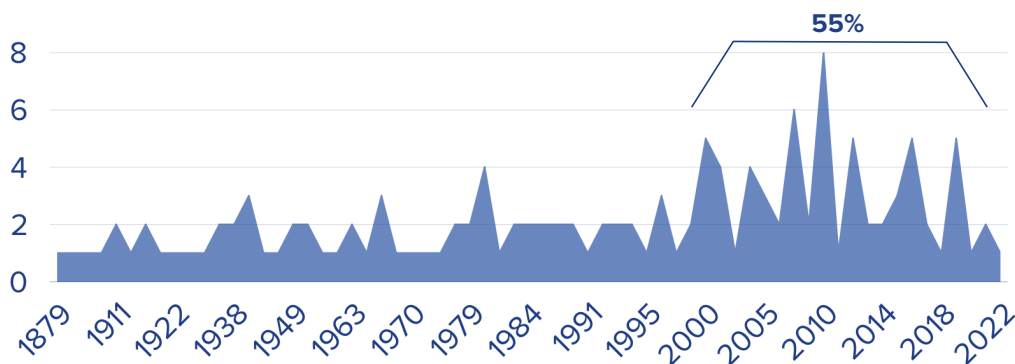
No que diz respeito ao interesse dos participantes em participar em atividades organizadas pelo grupo DOMINO, houve uma resposta entusiástica, com 126 pessoas a deixarem o seu endereço eletrônico para futuras iniciativas e apenas 12 deixaram a caixa em branco.

2. Sobre o seu museu

Respostas: 138 (a partir de 3 de março de 2022)

Os museus pesquisados incluem museus de relevância internacional e nacional, embora na sua maioria sejam organizações de pequena e média dimensão. É interessante notar que os museus que participaram têm uma data de abertura ou fundação entre 1879, o mais antigo, e 2022, pelo que há uma participação representativa de instituições na cobertura desta área (**fig. 3**). Por outro lado, verificamos também que mais de metade dos museus foram inaugurados depois de 2000 (55%).

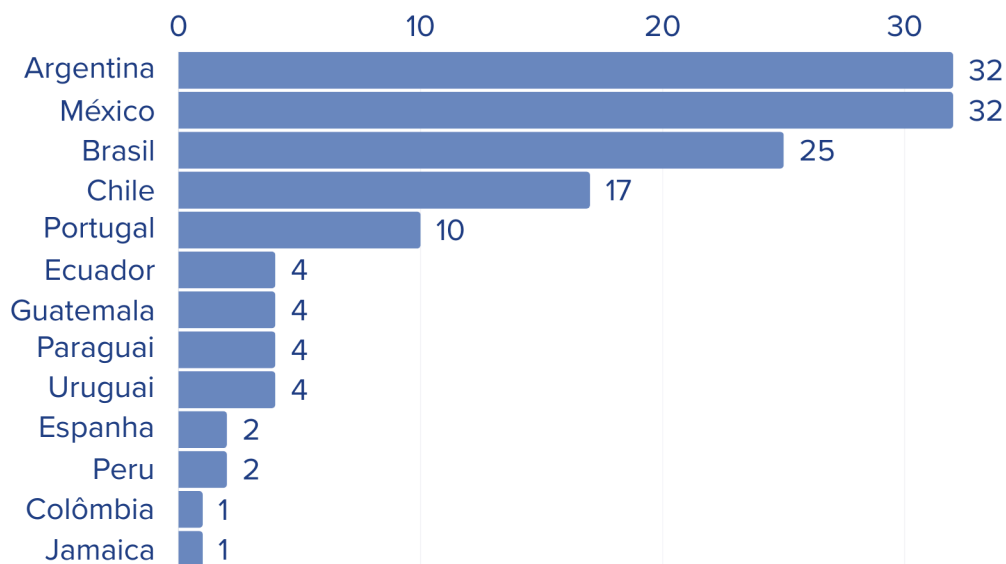
FIG. 3. ANO DE FUNDAÇÃO OU ABERTURA



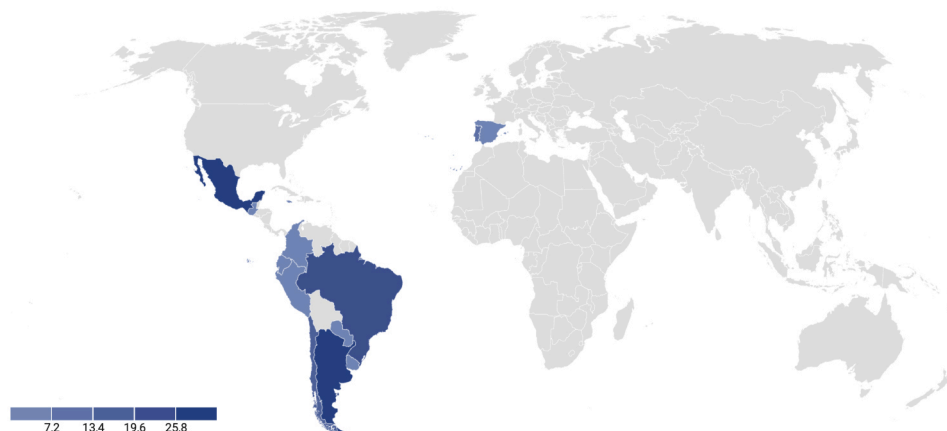
Destaca-se na amostra a participação de profissionais de museus da Argentina, México, Brasil, Chile e Portugal, o que corresponde a uma grande comunidade museológica na área. A estratégia de divulgação da pesquisa produziu um desequilíbrio na resposta (Espanha, Peru, Colômbia e Jamaica, por exemplo, com muito poucos participantes) que esperamos ultrapassar em futuras edições (**fig. 4**). Não obstante, o esforço é valioso, sobretudo se o considerarmos uma amostra primária do interesse por questões relacionadas com a documentação museológica e o estado da arte desta matéria na região ibero-americana.

A distribuição dos museus, de acordo com o número de respostas à pesquisa por país, é a seguinte (Argentina, México, Brasil, Chile, Portugal, Equador, Guatemala, Paraguai, Uruguai, Espanha, Peru, Colômbia e Jamaica):

FIG. 4. PAÍSES DOS MUSEUS INQUIRIDOS



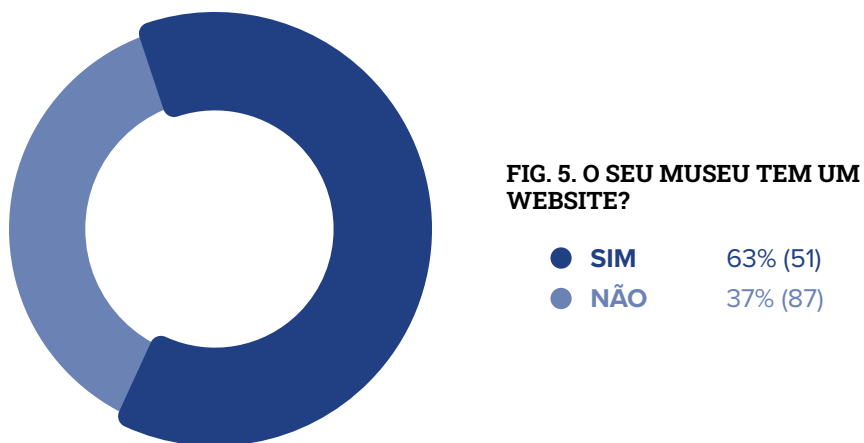
MAPA. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS MUSEUS PARTICIPANTES



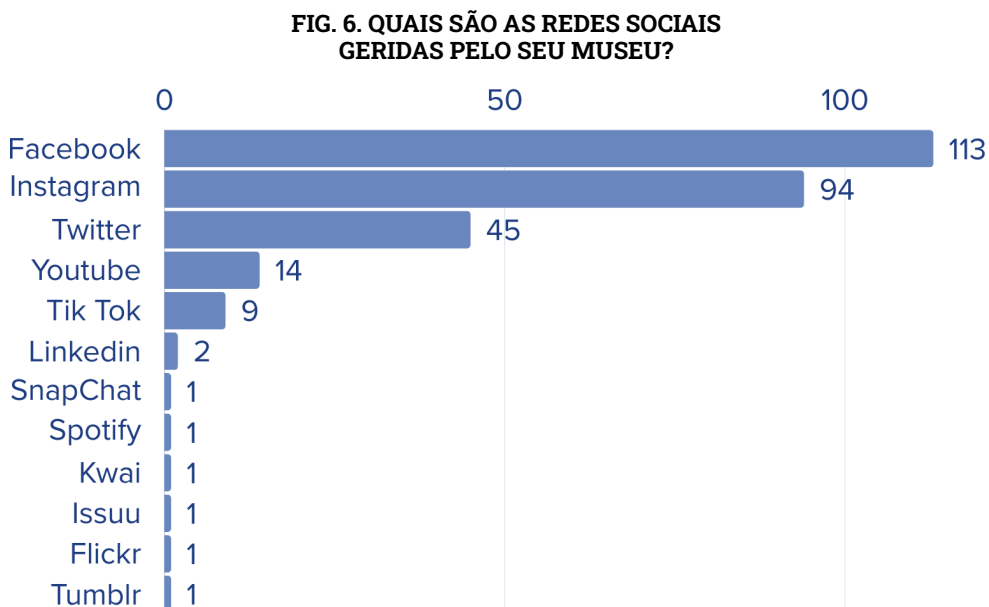
O número de respostas para cada país pode ser consultado em pormenor no **Anexo 1. Quadro A1**.

Outro aspecto desta seção é a utilização das tecnologias de informação e a sua relação com os aspectos da documentação. Destes, 51 museus

não dispunham de site na Internet ou não forneceram o URL do museu, resultando que 87 museus declararam dispor de site na Internet (**fig. 5**).



Isto não significa que os museus que não forneceram um endereço Web não considerem uma rede social como o seu "site". Assim, o quadro de quem tem uma rede social é o seguinte (**fig. 6**).

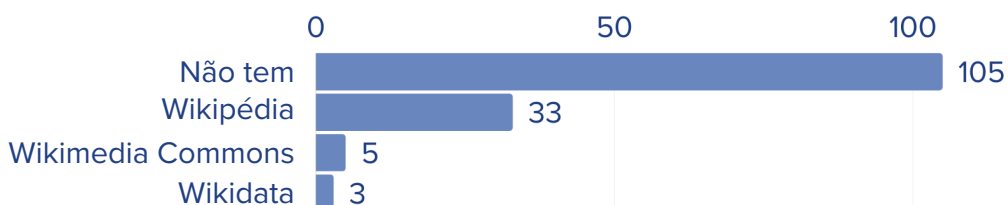


Assim, 120 (88%) das pessoas responderam que o seu museu geria uma

ou mais redes sociais, sendo o Facebook, o Instagram e o Twitter as mais utilizadas (**Anexo 1. Quadro A2**).

Como contrapeso importante, perguntamos quem utiliza algum dos serviços da Fundação Wikimedia (**fig. 7**), sendo que 105 dos inquiridos não têm qualquer representação nos projetos Wikimedia: 33 têm uma entrada na Wikipédia, 5 na Wikimedia Commons e outros 3 na Wikidata.

FIG. 7. O SEU MUSEU ESTÁ PRESENTE NOS PROJETOS WIKIMEDIA?



Relativamente ao número de pessoas que trabalham no museu, as respostas são variáveis, por exemplo, um Ministério da Cultura de um país (Peru) incluiu certamente todos os funcionários abrangidos pelas suas diferentes organizações e 5 entidades não responderam, ou responderam apenas sobre o departamento que conhecem.

Relativamente ao número de pessoas que trabalham no museu, das 133 respostas, 120 (90%) museus têm entre 1 e 50 pessoas, 11 (8%) museus têm entre 50 e 160 pessoas a trabalhar e, finalmente, apenas 2 (2%) museus têm 200 pessoas ou mais (**fig. 8**).

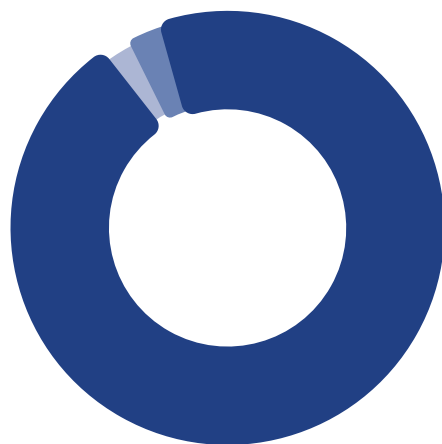


FIG. 8. NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS E VOLUNTÁRIOS

- 1 - 50 2 (1.5%)
- 50 - 160 11 (8.3%)
- 200 - mais 120 (90.2%)

Além disso, a partir das 133 respostas a esta questão, pode-se inferir que 123 (92%) museus são compostos apenas por funcionários contratados; 7 (5%) museus são compostos por funcionários contratados e incorporam voluntários ou estagiários, e 3 (2%) museus são compostos apenas por voluntários (fig. 9).

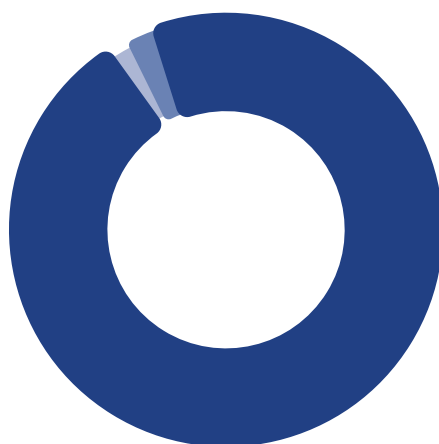


FIG. 9. COMPOSIÇÃO DA EQUIPE DO MUSEU

- Apenas voluntários 3 (2.3%)
- Pessoal + voluntários/bolsistas 7 (5.3%)
- Só pessoal 123 (92.5%)

Como complemento à resposta anterior, foi perguntado se algum destes funcionários estava especificamente designado para realizar tarefas de documentação. Da amostra, 34 (25%) responderam negativamente, 44 (32%) afirmaram ter pessoal que desempenha parcialmente estas tarefas e, finalmente, 59 (43%) inquiridos responderam que têm pessoal dedicado à documentação.

Um olhar mais atento a esta resposta mostra que 43% mais 32% (75%) dos museus disponibilizam pessoal temporário ou permanente para tarefas de documentação (fig. 10).

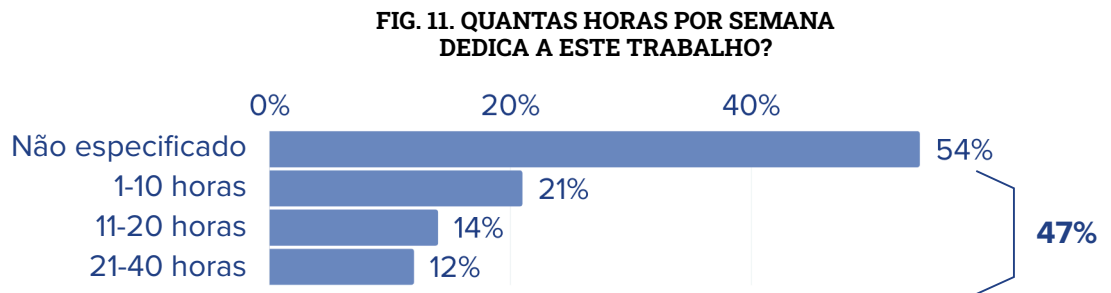
FIG. 10. EXISTE UM OU MAIS FUNCIONÁRIOS DEDICADOS À DOCUMENTAÇÃO?



RESULTADOS

Esta questão é complementada pela pergunta "Quantas horas por semana dedica a este trabalho?". Do total de respostas, 64 (47%) inquiridos declararam um número de horas que varia entre 1 e 40 horas por semana. Destes, 16 (12%) participantes trabalham entre 21-40 horas, e 19 (14%) entre 11-20 horas; enquanto 29 (21%), a maioria, trabalham apenas entre 1-10 horas por semana.

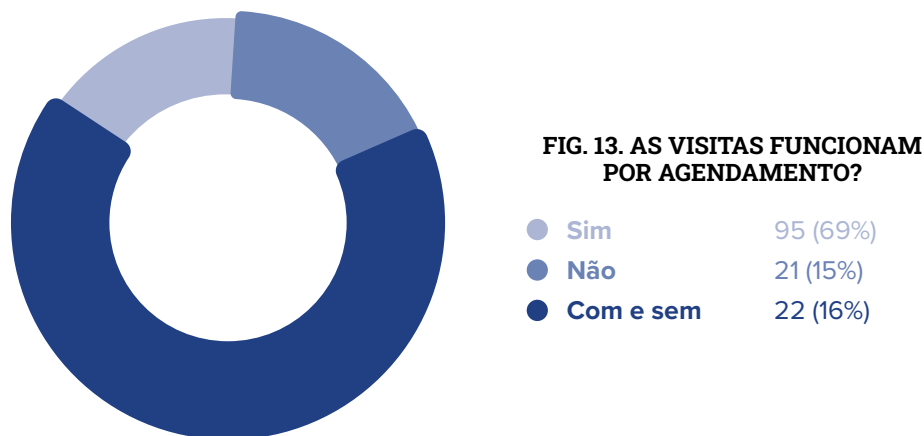
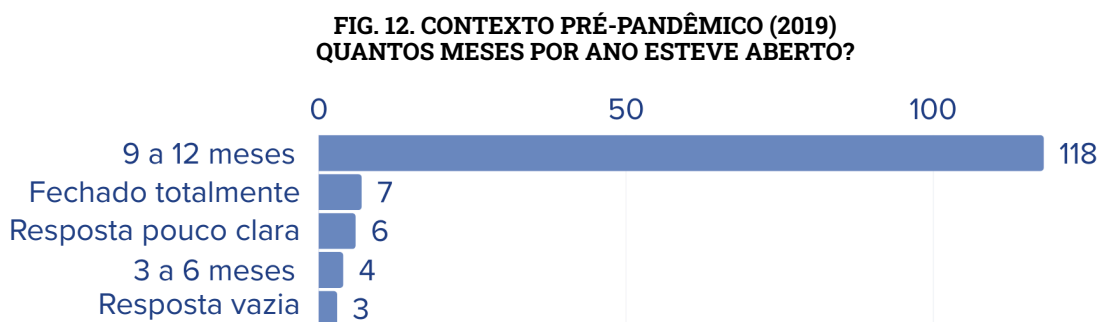
Esta situação deve ser tida seriamente em consideração, uma vez que 74 (54%) participantes não estabeleceram qualquer número de horas de trabalho de documentação (**fig. 11**).



3. Sobre o público

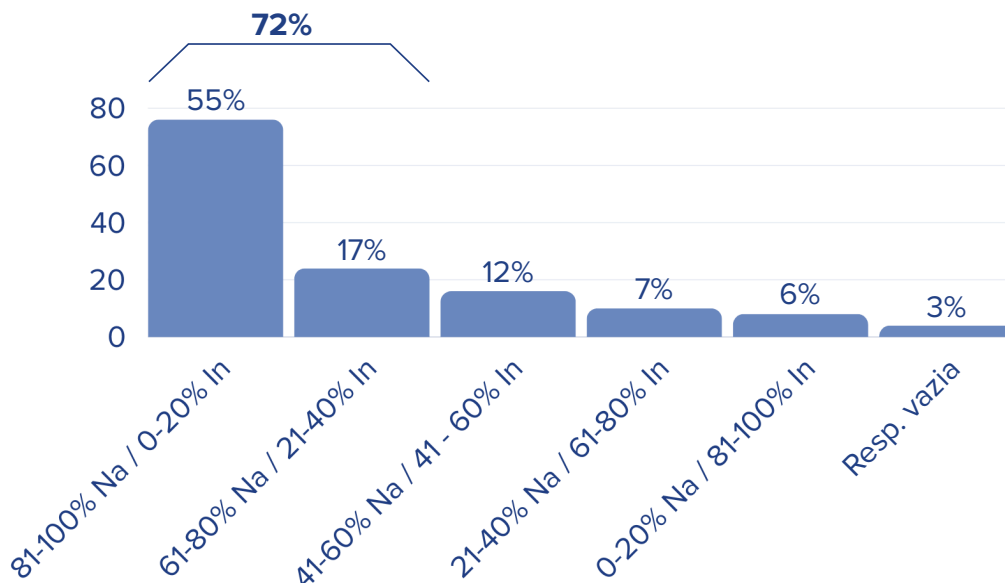
A primeira pergunta desta seção procurava saber - no contexto da pandemia - quantos dos museus pesquisados funcionaram ou se permaneceram fechados ao público. Os dados não fornecem informações sobre três museus, em seis casos a informação é ambígua; apenas sete afirmaram que estiveram permanentemente fechados; quatro funcionaram apenas durante 3 a 6 meses, e **a grande maioria, 118, abriu as suas portas durante 9 a 12 meses durante a pandemia (fig. 12).**

Por outro lado, 95 (69%) museus possuíam visitas em que era possível comparecer com ou sem agendamento, 22 (16%) exclusivamente com agendamento e 21 (15%) não atenderam a agendamentos (fig. 13).



Outro aspeto consultado, na sequência do distanciamento social obrigatório, foi a percentagem de visitantes nacionais versus internacionais (**fig. 14**), com 76 (55%) do total de inquiridos a terem uma média de 81-100% de visitas nacionais/ 0-20% de visitas internacionais. A barra seguinte junta-se a esta tendência com 24 (17%) inquiridos com uma média de 61-80% de visitas nacionais / 21-40% de visitas internacionais. Assim, de um modo geral, pode dizer-se que o acumulado dos dois resultados mais elevados mostra que 72% das instituições se concentram principalmente nos visitantes nacionais.

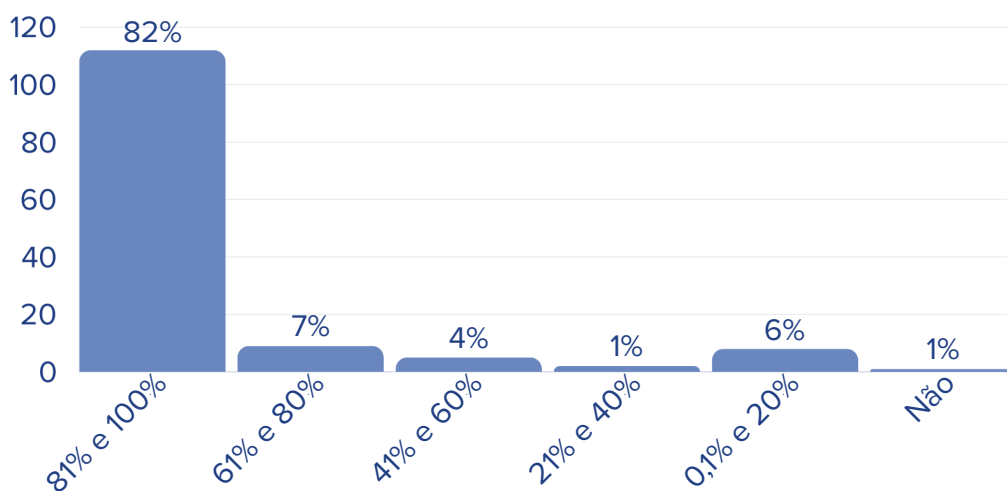
FIG. 14. ESTIMATIVA DE VISITAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS



4. Sobre a sua coleção

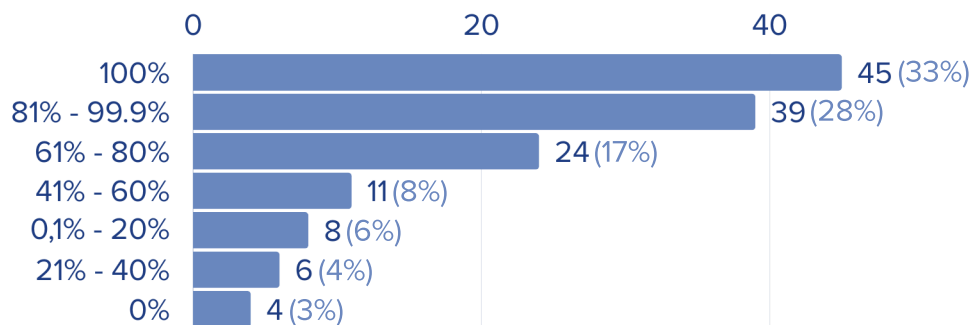
Para esta seção, a primeira questão perguntava quantos dos museus inquiridos possuíam coleção própria, e aqui, 112 (82%) do total de participantes responderam positivamente, sendo as restantes percentagens inferiores (**fig. 15**).

FIG. 15. O MUSEU TEM A SUA PRÓPRIA COLEÇÃO?



A questão seguinte está mais relacionada com as áreas de documentação, e quisemos saber quem tinha avançado com o seu inventário, considerado como uma lista simplificada dos objetos sob custódia (**fig. 16**).

FIG. 16. QUAL É A PERCENTAGEM DA COLEÇÃO QUE DISPÕE DE UM INVENTÁRIO?



Assim, o relatório diz-nos que 45 (33%) dos museus têm o seu inventário completo, mas a boa notícia é que a estes 45 devem juntar-se 39 (28%) e 24 (17%) que apresentam progressos superiores a 80% e 90%, respectivamente.

Perguntamos ainda em que formato é realizado este inventário e obtivemos 91 (67%) respostas para inventário realizado em formato analógico e digital, 33 (24%) apenas em formato digital e 12 (9%) apenas em formato analógico. Assim, é possível constatar que a convergência digital está a afetar cada vez mais as atividades substanciais de documentação num museu (**fig. 17**).



FIG. 17. EM QUE FORMATO SE ENCONTRA O INVENTÁRIO?

● Analógico	12 (9%)
● Digital	33 (24%)
● Analógico e digital	91 (67%)

Outra questão dizia respeito aos progressos que os nossos inquiridos apreciam no que se refere ao seu catálogo, definido como uma descrição pormenorizada dos ativos sob responsabilidade de guarda. Neste caso, as respostas apresentam tendências menos definidas, embora a principal seja que 36 (26%) dos inquiridos não dispõem de um catálogo, enquanto a evolução positiva aponta para o fato de apenas 16 (12%) disporem de um catálogo completo e 20 (15%) estarem prestes a terminá-lo (**fig. 18**).

Relativamente ao formato em que o catálogo está a ser realizado, as percentagens para o formato analógico são as mais baixas, 20 (14%), por oposição ao digital 37 (27%) e, em ambos os formatos, 50 (36%). É significativo o número de 31 (22%) que deixaram a questão em branco, o que poderá dever-se à ausência de trabalho de catalogação (**fig. 19**).

FIG. 18: QUAL (%) DA COLEÇÃO POSSUI UM CATÁLOGO?

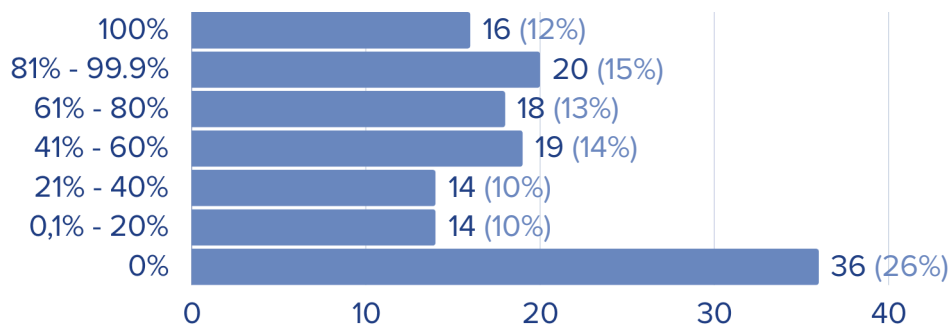


FIG. 19: EM QUE FORMATO SE ENCONTRA O CATÁLOGO?

● Vazio	22%
● Analógico	14%
● Digital	27%
● Analógico e digital	36%

Outra questão neste domínio era se os participantes consideravam que armazenavam ou mantinham as suas informações de forma segura. Das 137 respostas obtidas, a maior tendência foi para "Não", com 80 (58%) respostas, contra "Sim", com 57 (42%) respostas (**fig. 20**).

À pergunta sobre como se salvaguarda a informação e como garantir sua segurança, 82 (59%) inquiridos não responderam ou não souberam responder; houve também 17 (12%) respostas ambíguas daqueles que pensaram que estávamos a nos referir não à documentação, mas a objetos sob salvaguarda ou a outro tipo de pergunta. E cerca de 39 (28%) inquiridos referiram-se a repositórios, sistemas de armazenamento em nuvem ou em disco rígido (**fig. 21**).



FIG. 20. CONSIDERA QUE A INFORMAÇÃO ESTÁ SALVAGUARDADA?

- Sim 42%
- Não 58%



FIG. 21. COMO É QUE A SUA INFORMAÇÃO É SALVAGUARDADA?

- Respostas ambíguas 12%
- Várias formas 28%
Disco rígido, Nuvem,
Repositórios, etc.
- Em branco ou não sabe 59%

Da mesma forma, uma pergunta de seguimento era se e como iriam melhorar a sua salvaguarda; 41 (30%) dos inquiridos responderam que não, ou responderam que não iriam melhorar a salvaguarda da sua informação; houve também 7 (5%) respostas ambíguas referentes a coletas. E, positivamente, 90 (65%) dos inquiridos afirmaram o seu interesse em melhorar a salvaguarda da sua informação e expressaram várias formas de o fazer (fig. 22).

FIG. 22. COMO É QUE MELHORARIA A PROTEÇÃO DA INFORMAÇÃO?



5. Sobre o nível de documentação da coleção

Nesta seção do inquérito, a primeira questão perguntava se os museus utilizavam quaisquer normas ou padrões nacionais ou internacionais para informar o seu trabalho de documentação. A resposta é positiva, com 83 (61%) dos inquiridos a responderem "Sim", enquanto apenas 54 (39%) responderam "Não" (fig. 23).



FIG. 23. SEGUE ALGUMA NORMA PARA A SUA DOCUMENTAÇÃO?

- Sim 61%
- Não 39%

O valor positivo das normas surge quando os 83 museus que responderam afirmativamente foram questionados sobre as normas que seguem e se as que utilizam são suficientes. Por um lado, houve 16 (19%) respostas que consideraram insuficiente o guia ou norma que estavam a utilizar e, por outro lado, houve 73 (88%) respostas em que se utilizaram normas como o Spectrum 4.0, Darwin Core, ISAD(G) ou Object ID, as propostas pelo ICOM ou CIDOC, ou normas de abrangência nacional ou institucional (fig. 24).

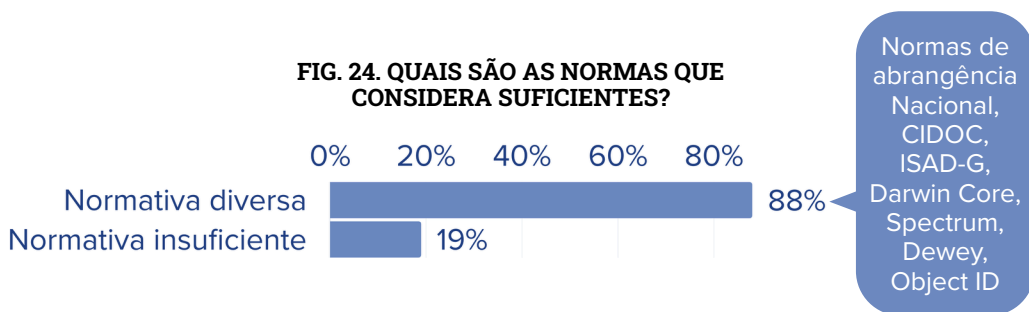
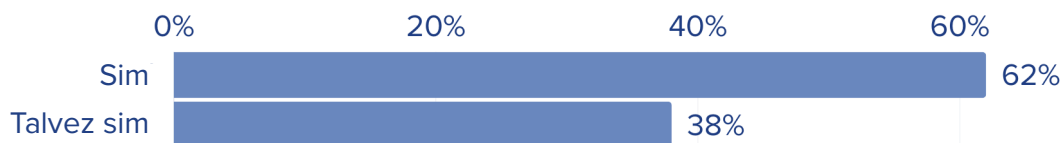


FIG. 24. QUAIS SÃO AS NORMAS QUE CONSIDERA SUFICIENTES?

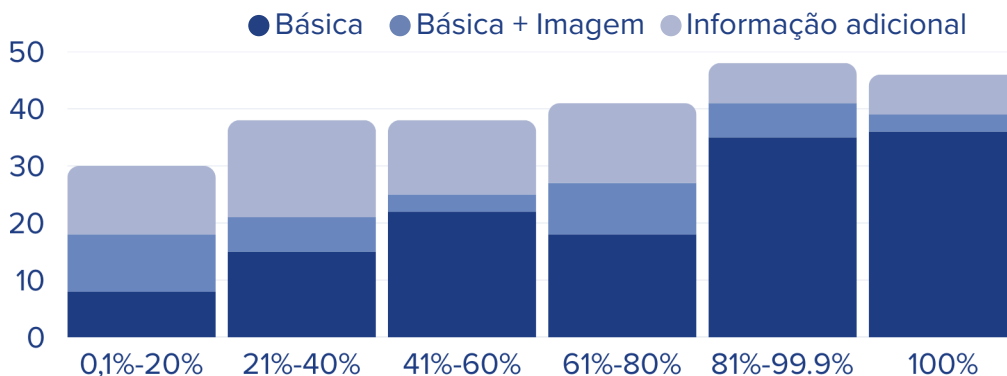
Finalmente, esta seção é complementada pela questão de saber se os museus pesquisados estão interessados em trabalhar com a equipe do CIDOC no futuro para desenvolver guias de trabalho para a rede. Neste caso, as respostas são positivas: "Sim", com 86 (62%) participantes, e "Talvez", com 52 (38%) participantes. Assim, o trabalho deve concentrar-se na formulação de programas adequados para falar de documentação e para convencer essa percentagem de "Talvez" a uma ação proativa que conduza a melhores resultados para todos nós (fig. 25).

FIG. 25. ESTARIA INTERESSADO EM COLABORAR COM O CIDOC NA ELABORAÇÃO DE GUIAS DE TRABALHO?



Nesta seção, foram colocadas mais algumas questões que dizem diretamente respeito à noção de documentação que temos na região. Uma delas mede a percentagem de coleções que dispõem de informações básicas para identificar os seus objectos. A informação básica é a mais facilmente produzida, enquanto a informação mais aprofundada ou complementar (incluindo a descrição física, o contexto histórico, a proveniência ou outras informações) tende a ser menos desenvolvida (fig. 26).

FIG. 26. (%) DE RECOLHA COM INFORMAÇÃO BÁSICA?



A questão seguinte pergunta se as coleções dos inquiridos estão acessíveis em algum tipo de portal Web. Das 137 respostas obtidas nesta seção, os resultados mostram que há 49 (36%) museus com um portal Web correspondente, enquanto 88 (64%) museus não o têm (**fig. 27**).



FIG. 27. A SUA COLEÇÃO ESTÁ ACESSÍVEL EM ALGUM PORTAL WEB?

● Sim	36%
● Não	64%

Entre os que dispõem de um portal Web, a maioria corresponde a organizações individuais, embora sejam também mencionados portais institucionais que agrupam vários museus ou outras agências.

Depois perguntados sobre qual a percentagem de progresso das coleções online, a resposta é muito orientada para todo o trabalho que precisa de ser feito para o futuro, uma vez que apenas 4 (3%) dos inquiridos declararam ter todas as suas coleções online, somados a 9 (7%) dos inquiridos que têm entre (81%-99,9%) das suas coleções acessíveis online, mostrando como resultado que, do total de inquiridos, apenas 10% têm as suas coleções acessíveis na Web. Enquanto 57 (41%) dos participantes não têm as suas coleções acessíveis na Web (**fig. 28**).

Quanto à questão da frequência de atualização da informação da coleção online, foram obtidas 122 respostas (**fig. 29**). Se somarmos as respostas "nunca", "quase nunca" e "1x/ano", verificamos que 93 (76%) entidades não atualizam ou atualizam com menor frequência; enquanto a frequência de atualização de "3x/ano" representa apenas 9 (7%) entidades. Enquanto a frequência de atualização mais elevada de "12x/ano" representa 13 (11%) entidades e "52x/ano" apenas 7 (6%).

FIG. 28: QUAL (%) DA SUA COLEÇÃO ESTÁ ACESSÍVEL ONLINE?

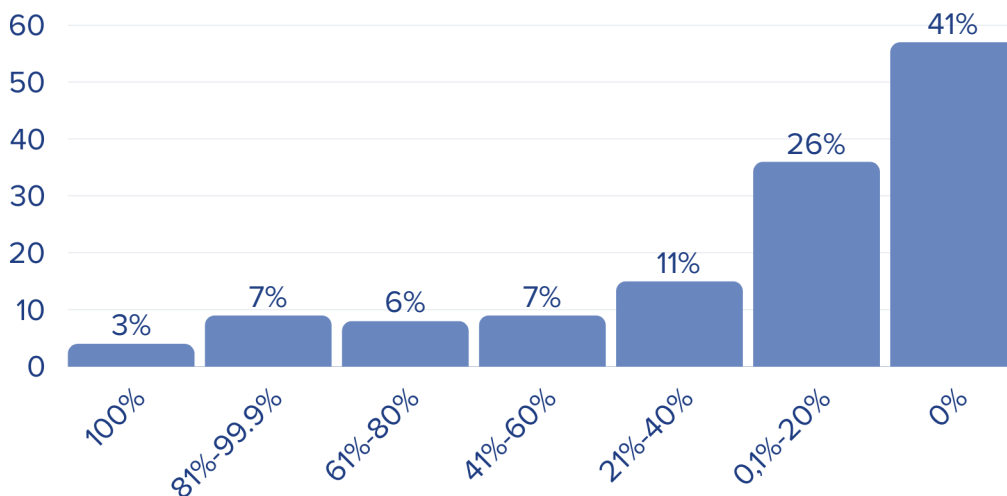
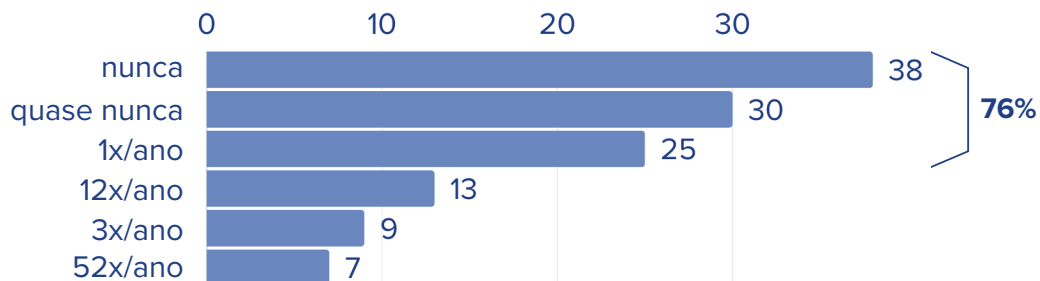


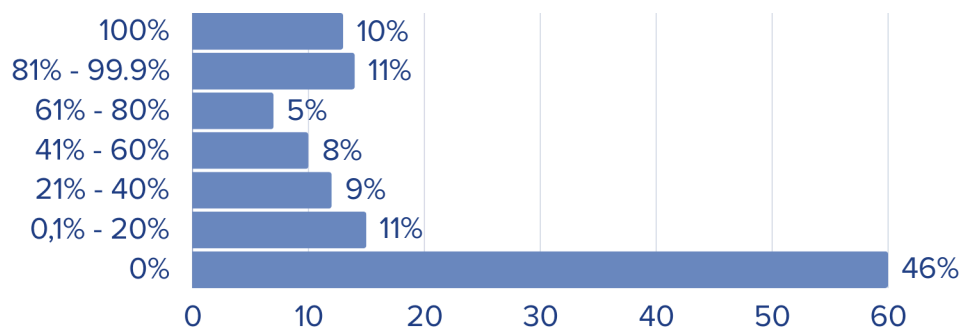
FIG. 29: COM QUE FREQUÊNCIA A INFORMAÇÃO É ATUALIZADA ONLINE?



A última questão deste bloco pergunta se cada organização inquirida pode gerar uma ficha *Object ID* a partir da informação de que já dispõe. Das 131 respostas obtidas, os resultados mostram que apenas 13 (10%) delas resolveram este problema. As percentagens diluem-se em proporções semelhantes relativamente aos que o conseguem fazer em proporções diferentes, mas há um núcleo forte de 60 (46%) que não conseguiu gerar uma ficha com as características da norma indicada. As possibilidades de gerar uma cultura de documentação que ajude a resolver este aspeto revelam-se aqui, mais uma vez, verdadeiramente extensas (fig. 30).

RESULTADOS

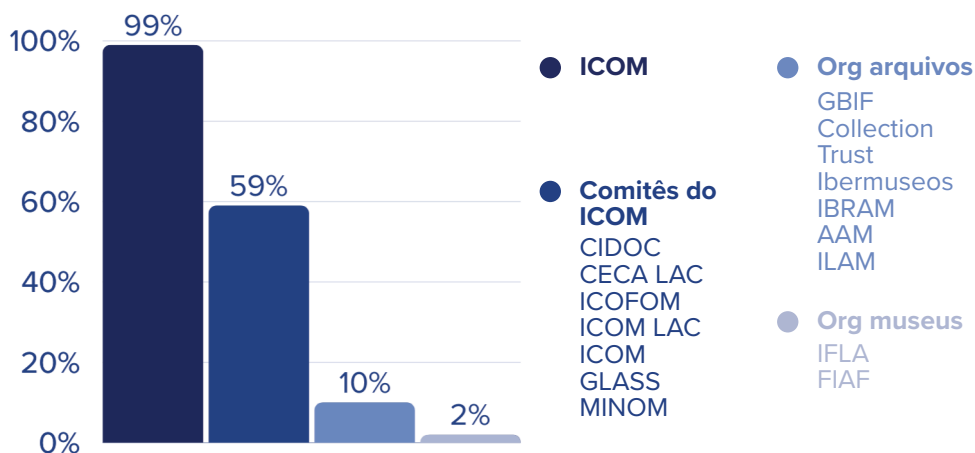
FIG. 30. QUAL (%) DA SUA COLEÇÃO TEM FICHAS DE OBJECT ID?



6. Sobre as associações profissionais de museus

A primeira questão deste bloco pergunta quais as organizações profissionais de museus reconhecidas pelos nossos museus respondentes. Obtivemos 131 respostas em que mais do que uma organização era reconhecida. O ICOM destaca-se com 99%, seguido de certos comitês internacionais que lhe pertencem, sendo os mais importantes o ICOM LAC, o ICOM ICOFOM, o ICOM CECA LAC e o próprio ICOM CIDOC com 59%. Outros grupos como o Collections Trust, Ibermuseos ou ILAM são também mencionados com 10%, e outros pertencentes ao domínio da biblioteconomia ou da arquivística, com 2%, embora sempre em números isolados, sendo os grupos específicos dos museus os dominantes (fig. 31).

FIG. 31. QUE ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS CONHECE?



A pergunta seguinte refere-se à atenção dos inquiridos à questão da formação e ao fato de participarem ou terem participado em encontros profissionais de museus relacionados com a documentação. Das 137 respostas, 102 (74%) dos inquiridos responderam "não", enquanto apenas 35 (26%) responderam "sim" (fig. 32).

Entre os encontros referidos, há os que provêm da esfera institucional (como o Ministério da Cultura), os promovidos por instituições universitárias ou redes internacionais como o Ibermuseus, pelo que a

o Instituto Nacional de Antropologia e História do México (com 11 menções) é o mais mencionado para os museus inquiridos desse país. Seguem-se o Museo del Prado (6 menções), o Instituto Brasileiro de Museus (4 menções) e o Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires. Com (3 menções) estão organizações como o Ibermuseus, o Museo Nacional Thyssen-Bornemisza, o Museo Reina Sofía, o Smithsonian National Museum of Natural History, o Museum of Modern Art em Nova Iorque, o British Museum e o Victoria & Albert Museum, o Museo de la Plata em Buenos Aires, e mais abaixo, com 2 menções, estão o próprio CIDOC, o MACBA e a Tate Gallery, com um total de 86 respostas que mencionam modelos de várias organizações nacionais ou internacionais. Houve uma resposta que não conhecia nenhuma referência e outra que mencionou "Todos tinham defeitos e aprendemos com eles", pelo que a ideia de modelo tem os seus próprios problemas e a tessitura tem de ser medida com olhos subjetivos (fig. 34).



Uma outra questão perguntava se cada organização inquirida tinha alguém que tratasse do licenciamento da utilização de conteúdos online,

tais como direitos de autor e direitos conexos. O que vemos é uma média de um para três quartos, com 34 (33%) museus a dizerem "sim" à gestão do licenciamento, enquanto 104 (75%) dos museus disseram "não" a ter uma linha especializada nesta questão (**fig. 35**).

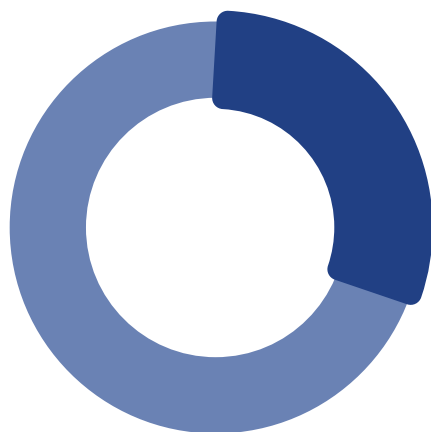


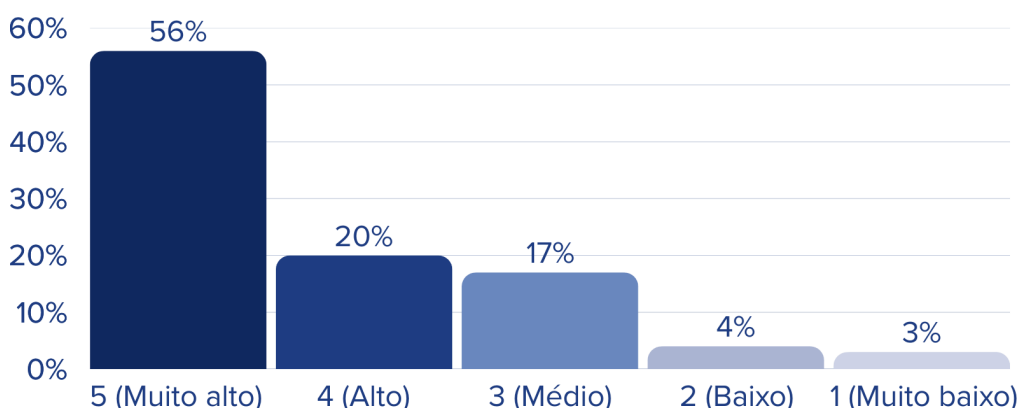
FIG. 35. ALGUÉM GERE O LICENCIAMENTO DE CONTEÚDOS ONLINE?

● Sim	33%
● Não	75%

7. Avaliação da documentação

Uma questão de ordem abstrata e essencial para apreciar a posição da documentação entre os museus inquiridos refere-se ao valor que é dado a esta atividade. A este respeito, 77 (56%) dos museus inquiridos valorizam o trabalho de documentação a um nível "Muito elevado" (classificação 5), seguidos de 28 (20%) a um nível "Elevado" (classificação 4) e 24 (17%) a um nível "Médio" (classificação 3). Se considerarmos os níveis anteriores, os mais positivos, podemos afirmar que um grande número de museus considera o processo de documentação relevante para as suas atividades. No entanto, o somatório das respostas "Pouco" (classificação 2) e "Muito pouco" (classificação 1) revela que 9 (7%) museus referem um déficit nesta matéria, e que serão organizações importantes para detectar e contribuir para elevar o papel estratégico da documentação no trabalho dos museus (fig. 36). Esta questão refletiria, de forma preliminar, uma valorização significativa das instituições para a documentação.

FIG. 36. O SEU MUSEU VALORIZA O TRABALHO DE DOCUMENTAÇÃO?



Utilizando a mesma metodologia de valor, foi perguntado se cada organização inquirida considera que tem uma responsabilidade de custódia do patrimônio valioso para a humanidade. Das 137 respostas obtidas, 77 (56%) museus expressaram uma classificação "Muito alta", seguidos de 19 (14%) e 21 (15%) para "Alta" e "Média", respectivamente. Ou seja, 85% dos museus consideram que as suas coleções têm uma importância global. Já com a soma dos valores "Baixa" e "Muito baixa"

temos 20 (15%) museus que são muito mais cautelosos neste tipo de consideração (fig. 37).

A complementar estas duas últimas perguntas está a que questiona até que ponto as organizações inquiridas valorizam o compartilhamento das suas coleções à escala global. Os números, em termos proporcionais, assemelham-se às respostas anteriores. Aqui, 74 (54%) expressam uma classificação "Muito alta", seguidos de 22 (16%) para "Alta" e outros 22 (16%) para "Média", para um total de 86% de museus que expressam uma classificação positiva para a partilha da sua coleção. Enquanto "Baixo" e "Muito baixo" somam 20 (15%) museus que estariam menos interessados em implementar ações como a publicação das suas coleções online (fig. 38).

FIG. 37. O SEU MUSEU POSSUI OBJETOS DO PATRIMÔNIO MUNDIAL?

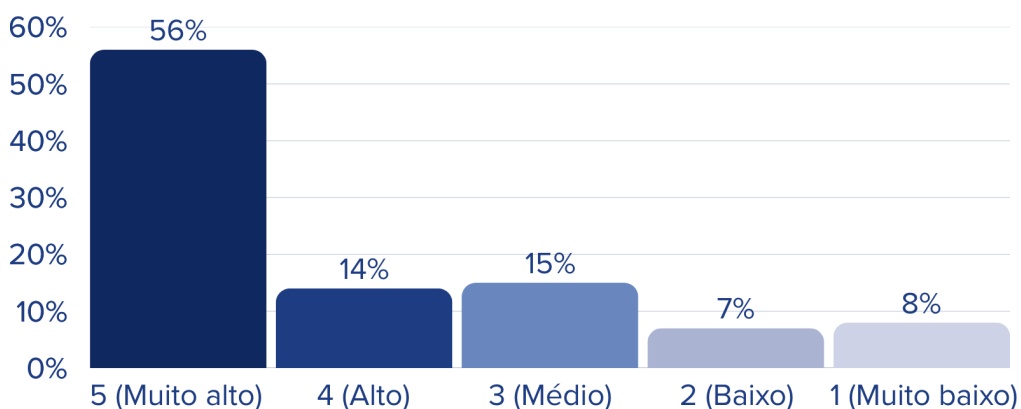
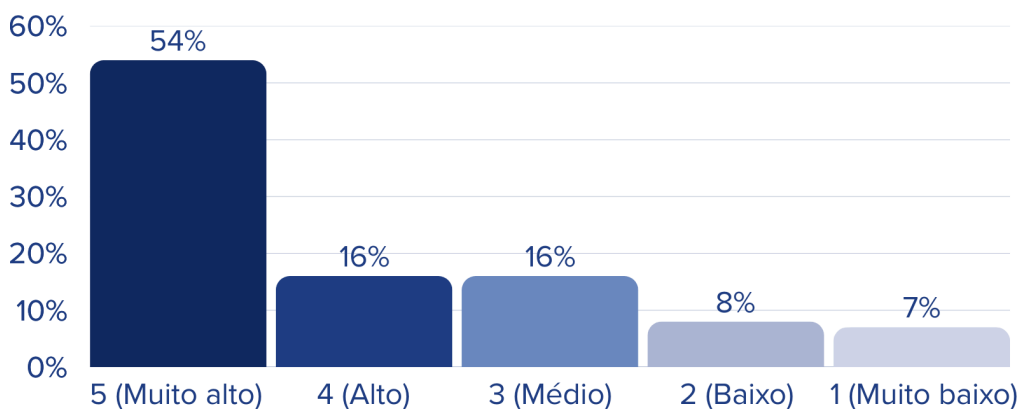


FIG. 38. O SEU MUSEU VALORIZA O COMPARTILHAMENTO GLOBAL DA COLEÇÃO?



8. Observações adicionais

Para além das questões colocadas, pensamos numa caixa em que os participantes poderiam livremente fazer os seus comentários e apreciações. Recebemos apenas 43 respostas, das quais a grande maioria nos falou da situação dos seus museus. Embora uma variável constante se refira às necessidades ou falta de apoio institucional, o valor das suas coleções, a disponibilidade de participação no CIDOC e o incentivo à sua dinâmica de documentação em menor ou maior grau, com aspirações de divulgação, são também expressões frequentes.

Por outro lado, vale a pena sublinhar o caso de um dos participantes, relativo à falta de interoperabilidade dos dados no momento da migração de um sistema para outro, salientando a necessidade de boas práticas de documentação. Outro participante, que relatou a recuperação de parte do seu acervo, indicou que isso se deveu à utilização de uma norma de documentação. Uma outra resposta estava ligada à socialização do grupo de trabalho e a uma tese sobre a criação de um centro de documentação têxtil no México.

CONCLUSÕES

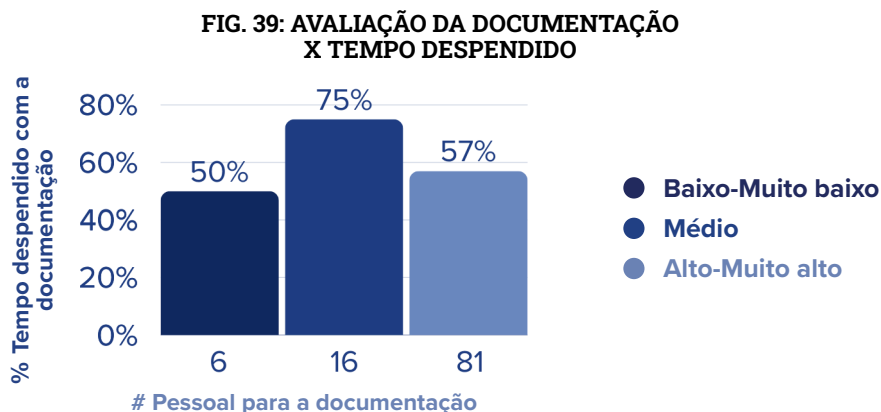
Há muito para ler na pesquisa. Em primeiro lugar, consideramos necessário mencionar os comentários feitos pelos participantes sobre as questões da pesquisa, que sublinham a abstração ou a dificuldade de compreensão de algumas questões. Um exemplo foi a pergunta "O meu museu possui objetos valiosos e importantes do patrimônio mundial?", onde não se compreendia se se tratava do procedimento administrativo perante os Estados para o seu reconhecimento ou dos valores simbólicos (históricos, históricos, estéticos, formais, etc.) que os objetos têm para os museus. Para além de entender o patrimônio da humanidade como uma categoria em processo, considerando que o que hoje tem valor continental pode mais tarde ser ampliado. Nesse sentido, devemos reconhecer que, embora algumas questões possam ter sido ambíguas, ainda temos um longo caminho a percorrer no que diz respeito aos instrumentos que nos permitem conhecer a documentação em nossa região. Isto leva-nos a considerar, num estudo futuro, a possibilidade de sermos mais explícitos nas definições e pedidos das perguntas.

No que diz respeito à disponibilidade de pessoal para realizar tarefas de documentação no museu, apenas 75% das instituições dispõem de pessoal, temporário ou permanente, para realizar estas atividades. Em relação ao acima exposto, 54% das instituições não conseguiram estabelecer *qualquer número de horas* dedicadas ao trabalho de documentação. Este fato constitui uma oportunidade para que o pessoal afeito ao trabalho de documentação solicite a incorporação programática destas atividades nos calendários estratégicos das suas instituições, fazendo referência aos princípios do CIDOC.

Em relação ao conhecimento sobre o acervo das instituições, refletiu-se positivamente que a grande maioria dos inquiridos (78%) possuía listas simplificadas (inventários), bem como mais de 80% dos inventários das suas coleções, o que lhes permite conhecer a composição do seu acervo museológico. No entanto, no que diz respeito aos progressos em matéria de catalogação, estes são consideravelmente menores, uma vez que apenas 12% dos inquiridos mencionaram ter uma catalogação completa das suas coleções e 26% dos participantes afirmaram não ter qualquer catalogação das suas coleções. De um modo geral, exprime-se um maior progresso no trabalho de inventário, que procura um conhecimento geral/horizontal/superficial, em oposição

ao menor progresso no trabalho de catalogação, que procura um conhecimento pormenorizado/vertical/profundo das coleções. Assim, embora as respostas reflitam que o inventário está bem avançado, o trabalho de catalogação é uma importante área de oportunidade para a promoção da cultura da documentação.

Por outro lado, pudemos evidenciar a relação contrastante entre a **avaliação da prática da documentação** pelas instituições no que respeita à **disponibilidade de pessoal** e ao **tempo dedicado** a este trabalho. Como podemos observar no setor de valor "Baixo-muito baixo" da documentação, apenas 6 participantes referem que as suas instituições dispõem de pessoal a tempo parcial ou a tempo integral para as atividades de documentação, pelo que apenas dispõem de uma média de 50% do tempo dedicado a esta atividade. No entanto, no outro extremo, no setor de valor "Elevado-muito elevado" da documentação, apenas 81 participantes afirmaram que as suas instituições dispõem de pessoal a tempo parcial ou a tempo integral para as atividades de documentação e, contrariamente ao valor elevado expresso, apenas de uma média de 57% do tempo dedicado à documentação (**fig. 39**).



No que diz respeito às formas de salvaguarda da informação da coleção, e como esta poderia ser melhorada, foram apresentadas várias propostas, tanto físicas como digitais. Esta amplitude de respostas sugere que, se existe o reconhecimento de que a documentação está em risco e precisa de ser mais bem salvaguardada, a própria ideia de documentação como um sistema organizado no museu está latente; mas o arquivo e o arquivamento são vistos como a forma mais óbvia

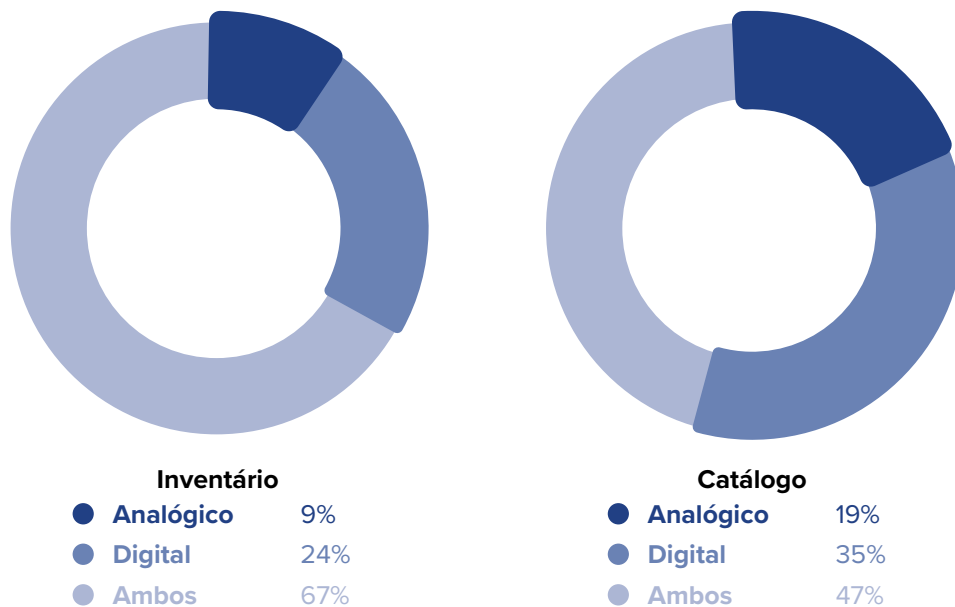
de trabalhar para salvaguardar a documentação, com escassa menção às cópias de segurança. Mais uma vez, aqui está uma oportunidade para trabalhar a importância da documentação do museu e a sua vitalidade no futuro.

E, evidenciando o vertiginoso processo de digitalização que deu origem ao conceito de cultura digital¹, os museus são também entidades em que a "cultura digital" tem permeado, em maior ou menor grau, as suas dinâmicas de investigação, conservação, exposição e **documentação**, aspecto que nos interessa particularmente. Apreciamos que a convergência do fenómeno digital atinja também os museus da nossa região. No entanto, é possível que a sua implementação não considere que os processos museológicos podem ser profundamente alterados por este fenómeno, onde a Web assume um papel de protagonista, pois dificilmente veremos coleções online suficientemente documentadas ou devidamente atualizadas, constituindo bases de dados mortas, sem utilização social, fato que se reflecte em 56% dos participantes referirem que não atualizam a sua informação online "nunca" ou "quase nunca". É, portanto, necessário incluir processos de troca, avaliação, utilização e vida nos dados. Sem compreender que a transformação exige não só a digitalização dos objetos, mas também a organização computacional da sua informação, a formalização de relações e ligações que conduzem à formação de vocabulários controlados que são, ao mesmo tempo, chaves de acesso e processos de convergência da informação onde, por um lado, se diluem as fronteiras entre os organismos de memória (bibliotecas, arquivos e museus) mas, ao mesmo tempo, se geram tensões sobre onde, quem e quando vão ser exibidos os silos de informação, amplos ou restritos.

Relativamente à utilização de formatos para o armazenamento e salvaguarda da documentação, podemos constatar que as instituições participantes não podem estabelecer um número de horas semanais para o trabalho de documentação devido às múltiplas tarefas que realizam. Têm uma dupla carga de trabalho, alimentando os seus inventários e catálogos com dois sistemas de informação (analógico e digital) como medida de segurança (**fig. 40**). Isto leva-nos a considerar a possibilidade de explorar outras opções para diminuir esta carga, mantendo a necessária cópia de segurança dos dados.

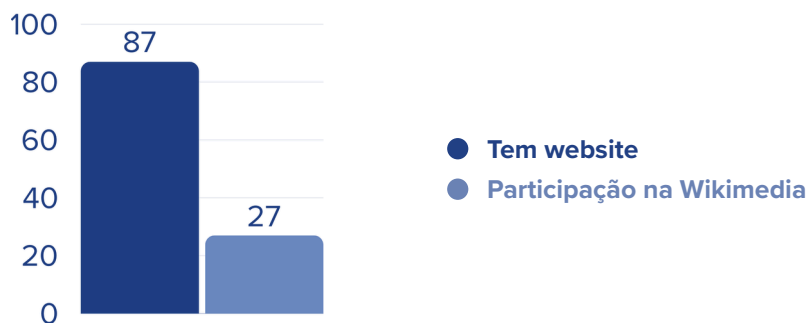
¹ Própria das sociedades em que as tecnologias digitais configuram decisivamente as formas dominantes tanto de informação, comunicação e conhecimento, como a pesquisa, produção, organização e administração (Hockey, 2004).

FIG. 40. FORMATO DE INVENTÁRIO VS. FORMATO DE CATÁLOGO



Embora os resultados desta pesquisa já demonstrem que o principal nível de utilização das tecnologias da informação é o acesso e a utilização de serviços de redes sociais, poucas organizações estão conscientes de que uma participação mais enérgica em formas como as oferecidas pela Fundação Wikimedia pode alterar não só o acesso às suas coleções, mas também a forma como pensam e constroem a informação sobre os seus objetos (fig. 41).

FIG. 41: TEM WEBSITE E PARTICIPAÇÃO NA WIKIMEDIA



A hibridização da documentação é um problema sério, pois se tudo se digitaliza e os processos se formalizam totalmente online, temos ideia do custo de manutenção do que se constrói ao longo de muito tempo e com uma base sólida para a sua preservação digital? No entanto, instrumentos tão próximos da documentação como os inventários e os catálogos estão formalizados em alternativas analógicas e digitais e não será de estranhar que, num futuro próximo, a opção eletrônica ganhe presença. Como alternar então os usos de materiais em formatos díspares? Provavelmente o caminho para o digital demore o tempo necessário para "arrumar a casa", avaliando o destino da documentação dos processos internos ao nível da gestão dos arquivos e dos centros de documentação. Ao mesmo tempo que o apetite digital - com todos os surtos pós-pandêmicos - nos esclareça que a utilização da Web para a publicação de catálogos de coleções é uma tarefa inadiável, mas sinuosa, tão forte ou fraca quanto as nossas organizações são, e aptas a perceber que o caminho para a Web está cheio de opções cujo território é, como tantos outros, um território inexplorado, carente de profissionais e de soluções tecnológicas adequadas.

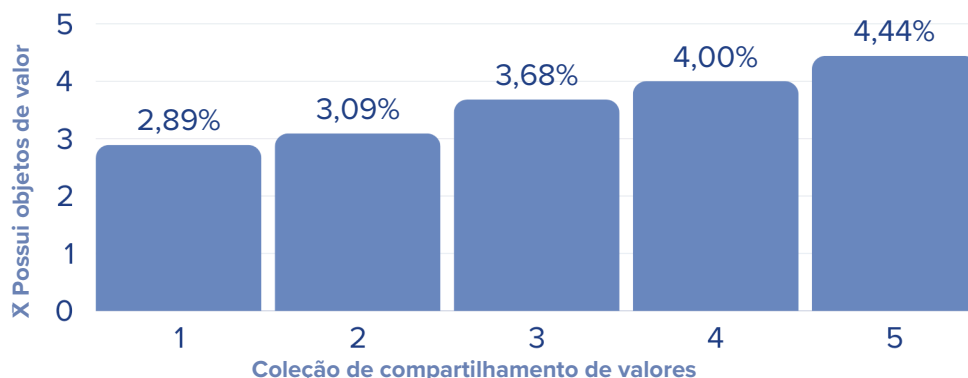
Uma vez que a Web exige normas, as normas do patrimônio cultural devem ser aprendidas e utilizadas fluentemente a todos os níveis, desde a formação de processos e políticas institucionais até à cobertura nacional, bem como por todas as organizações. As normas devem também contribuir para uma melhor configuração dos dados patrimoniais e ser utilizadas em estruturas de bases de dados, regras de catalogação e vocabulários controlados que, embora continuem a utilizar as das organizações estabelecidas, sejam também capazes de abordar o nivelamento terminológico que é comum entre as nossas línguas e as suas variantes regionais. A decisão de como usar a Web para tudo isto é, sim, uma promessa, mas tem de ser respondida de forma pragmática, refinando a ideia de construir sistemas de documentação com noções bem fundamentadas de documentação que ajudem, no futuro, a colocar o patrimônio da região online, mas também com a qualidade necessária e a profundidade sonhada.

Reconhecendo, em termos gerais, que a documentação na nossa região ***necessita de mais e melhor atenção***, esperamos em breve dispor de dados suficientes para definir quais os aspectos que estão suficientemente cobertos e quais os que requerem atenção urgente.

9. Sobre uma possível estratégia do CIDOC para os museus ibero-americanos

Nesta seção consideramos aspectos da pesquisa em que o CIDOC pode colaborar estreitamente e orientar os museus participantes na resolução de problemas decorrentes da documentação do patrimônio cultural. Por exemplo, podemos verificar que as entidades com médias de (4,44) e (4,00) *consideram contar com objetos valiosos nas suas coleções e de importância para a humanidade*. Estão associadas a entidades que expressam valores elevados (4) e (5) respectivamente, em termos de *compartilhamento global da sua coleção*. Neste sentido, verificamos que quando os museus *têm objetos valiosos*, querem compartilhá-los, e à medida que os museus têm mais objetos valiosos, a motivação para os compartilhar aumentará (**fig. 42**). O CIDOC poderia orientar o interesse dos museus em compartilhar suas coleções por meio de ferramentas de tecnologia de informação. Tais tecnologias trazem novos desafios para a dinâmica do museu², e conseqüentemente, à própria documentação. Cabe precisar que na próxima pesquisa pode-se considerar uma consulta diferente sobre a valoração da gestão da instituição, assim como a valoração da pessoa que está participando da pesquisa, porque podem resultar em valorações diferentes.

FIG. 42. POSSUI OBJETOS DE VALOR X COLEÇÃO DE COMPARTILHAMENTO DE VALORES

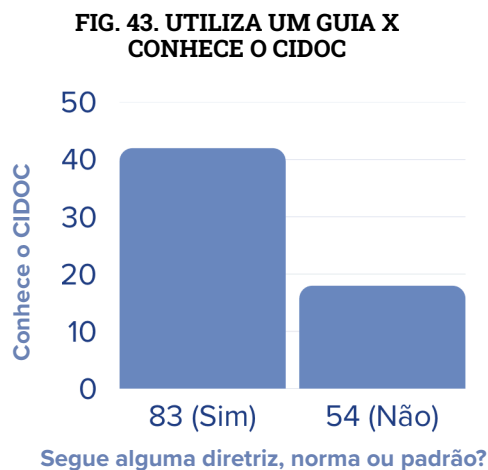


No que diz respeito à avaliação de como as entidades interiorizam os

² Em sua forma de colecionar [objeto/dado], investigar [acesso à informação] e expor [divulgar] (Borja, 2018).

conceitos de norma ou standard; e considerando que um dos objetivos da documentação é estabelecer sistemas de documentação que refletem um compromisso com a sociedade, permitindo o acesso às suas coleções, sendo a Web uma ferramenta democratizadora que possibilita esse objetivo, considerando a implementação de standards³ como requisito para chegarmos à Web de maneira efetiva.

Em relação às instituições, verificamos que apenas 83 dos participantes responderam "SIM" para realizar a sua documentação através da utilização de alguma norma, seja de origem nacional ou internacional (sendo uma das questões com maior ausência e ambiguidade), enquanto 54 participantes responderam "NÃO" para implementar qualquer norma ou guia. Depois de questionar o grupo de participantes que "FAZ" uso de alguma norma para documentação sobre o seu conhecimento de organizações internacionais ligadas ao patrimônio cultural, apenas 42 expressaram conhecimento do CIDOC. Isto representa um desafio para o Comitê no sentido de contatar estas instituições para orientar e apoiar a profissionalização da documentação (fig. 43).



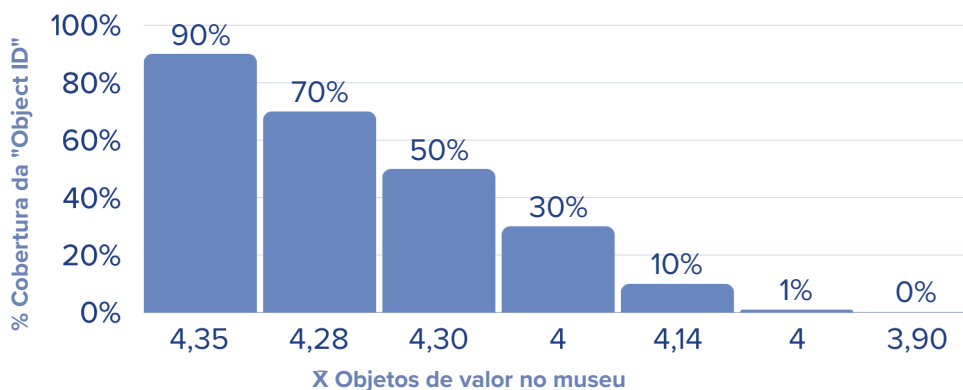
Outra das inferências que emergiu relaciona-se com a possibilidade de aumentar a aplicabilidade de normas de documentação, como o *Object ID*, uma norma que permite a um especialista produzir documentação uniforme para um não especialista. Desta forma, permite que os dados

³ Uso de vocabulários controlados, modelo de metadados e regras de catalogação (Alcántara, 2023).

relativos aos bens culturais e naturais contribuem para a sua recuperação em caso de perda ou roubo de forma ágil (UNESCO, 2006).

Os resultados mostram que os museus com elevada cobertura de *Object ID* dos seus objetos (90%, 70% e 50%) têm uma classificação média de (4,35, 4,28 e 4,30), respetivamente, sobre o fato de possuírem objetos de valor para a humanidade. No outro extremo, os museus com uma cobertura muito baixa ou que não implementam a norma de *Object ID* (1%, 0%) têm uma classificação média de (4 e 3,90), inferior à do grupo anterior, por terem objetos valiosos nas suas coleções (fig. 44).

FIG. 44. COBERTURA "OBJECT ID" X OBJETOS VALIOSOS



Nesse sentido, enquanto os museus que aplicam a norma de *Object ID* são motivados a considerar o valor dos seus objetos, o CIDOC pode orientar os museus que não consideram ter objetos valiosos a reavaliar os seus acervos e os valores dos seus objetos, bem como a sensibilizar para os benefícios da segurança do património que possuem.

Da mesma forma, os museus com elevada cobertura dos seus objetos através do catálogo (90%, 70% e 50%) consideram que possuem objetos valiosos para a humanidade, com uma pontuação média de (4,36, 4,78 e 4,11) respectivamente. No outro extremo, os museus que têm uma cobertura muito baixa ou que não catalogam as suas colecções (10% e 0%), consideram que têm objetos menos valiosos nas suas colecções, com um valor médio de (3,64 e 3,47) respectivamente. Isto pode indicar que os museus estão melhor documentados quando estão conscientes

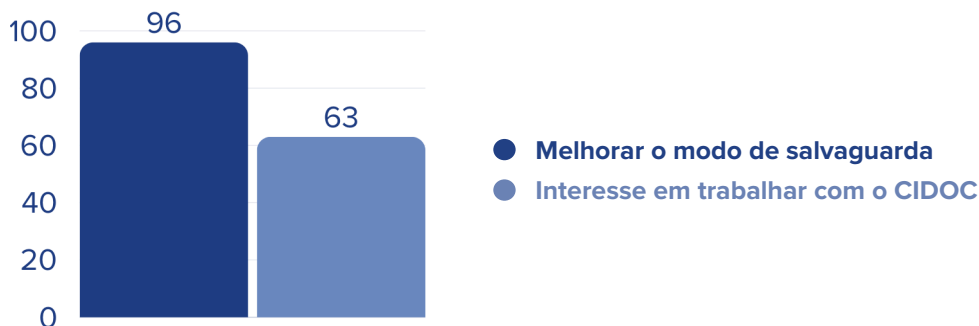
de que são guardiões de um valioso patrimônio cultural. No entanto, devemos também considerar os recursos para levar a cabo esta tarefa (fig. 45).

FIG. 45. COBERTURA DO CATÁLOGO X OBJETOS DE VALOR



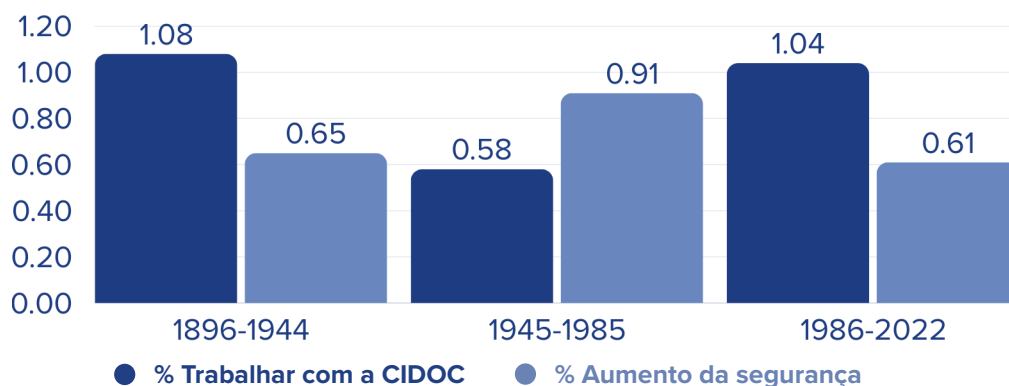
Por outro lado, no que diz respeito ao grupo de (96) participantes que consideraram "melhorar a forma como salvaguardam" a sua informação, (63) destes participantes declararam que estariam "interessados em trabalhar com o CIDOC" em conjunto para desenvolver diretrizes de trabalho. Isto representa para o Comitê um campo de ação potencial para profissionalizar a documentação dos museus através da ativação de *satélites* regionais para estabelecer redes entre organizações (fig. 46).

FIG. 46. MELHORAR A SALVAGUARDA DA SUA INFORMAÇÃO X ESTARIA INTERESSADO EM TRABALHAR COM GUIAS CIDOC?



Além disso, ao agruparmos os museus participantes de acordo com o ano de fundação ou funcionamento, em relação à necessidade de maior segurança de seus acervos, podemos observar que o grupo "1986-2022" (museus mais novos), manifestou "não" necessidade de "maior segurança" com 0,61% para a segurança de seus acervos; provavelmente porque alguns deles poderiam ser espaços com instalações contempladas neste aspecto. Estranhamente, o grupo "1896-1944" (museus mais antigos) também manifestou "não" necessidade de "maior segurança" com 0,65%. A situação é diferente da do grupo "1945-1985" (museus de idade média), que "exprime" a necessidade de "maior segurança" com 0,91%. Para além disso, os grupos de museus mais antigos e mais recentes são também os que manifestaram interesse em trabalhar com o CIDOC (fig. 47).

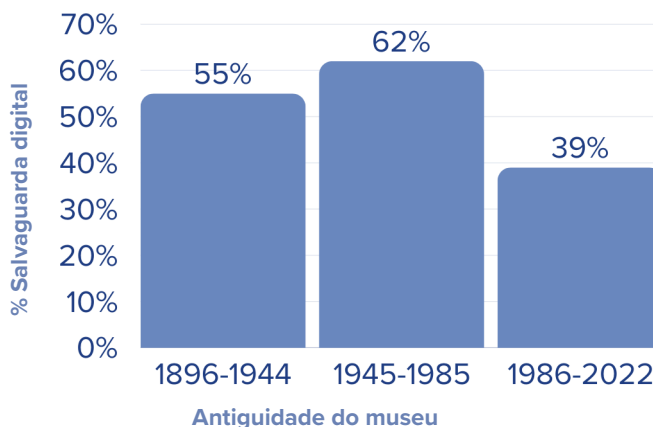
FIG. 47. INTERESSE EM TRABALHAR COM O CIDOC X EXIGIR SEGURANÇA



Com base no agrupamento acima referido, foi possível clarificar o aspecto "digital" das necessidades de salvaguarda dos participantes; o grupo "1986-2022" (museus mais recentes), mencionou "não" necessitar de mais salvaguarda digital com uma taxa de 39%. Muito provavelmente, porque "não" precisam de uma proteção digital adicional à que já possuem. Por outro lado, o grupo "1896-1944" (museus mais antigos) também menciona "não" necessitar de mais proteção digital, com um índice de 55%. Possivelmente porque, na sua maioria, não tiveram um processo de digitalização das suas colecções físicas, enquanto o grupo "1945-1985" (museus de idade média) referiu "sim"

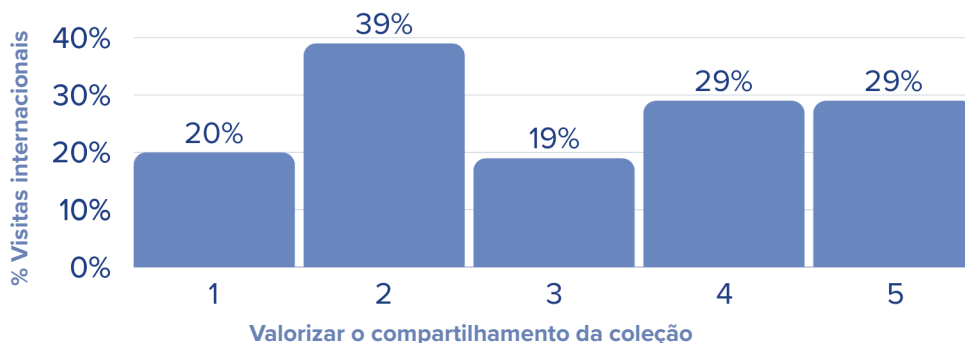
necessitar de maior guarda digital com um índice de 62%. Assim, o CIDOC pode contribuir para a profissionalização da segurança digital das coleções dos museus (fig. 48).

FIG. 48. ANTIGUIDADE DO MUSEU X SALVAGUARDA DIGITAL



Por último, vejamos a taxa com que os participantes valorizam a partilha da sua coleção (1 - 5), em relação ao número de visitantes internacionais. Aqui podemos ver que a taxa mais elevada de visitantes internacionais (39%) está associada a uma classificação baixa (2). Neste sentido, o interesse dos museus em compartilhar a sua coleção internacionalmente não está diretamente associado ou dependente das visitas internacionais (fig. 49). Neste sentido, o CIDOC pode ajudar a otimizar os benefícios da partilha internacional da sua coleção e pode também orientar a participação nos Grupos de Trabalho para abordar questões específicas.

FIG. 49. VISITAS INTERNACIONAIS X VALORIZAR O COMPARTILHAMENTO DA COLEÇÃO



ANEXOS

Anexo 1. Quadros de respostas

Quadro A1. Número de respostas por país

País	Respostas
Argentina	32
México	32
Brasil	25
Chile	17
Portugal	10
Equador	4
Guatemala	4
Paraguai	4
Uruguai	4
Espanha	2
Peru	2
Colômbia	1
Jamaica	1

Tabela A2. Número de museus que utilizam as redes sociais

Redes sociais	Respostas
Facebook	113
Instagram	94
Twitter (X)	45
Youtube	14
TikTok	9
LinkedIn	2
SnapChat	1
Spotify	1
Kwai	1
Issuu	1
Flickr	1
Tumblr	1

Anexo 2. Questionário

1. Qual é a sua função ou posição no seu museu?

2. Se estiver interessado em manter-se em contato com a DOMINO para fazer parte desta rede, deixe-nos o seu endereço de e-mail.

3. Nome do museu

4. Endereço do museu (incluir país, região e cidade)

5. Ano de abertura do museu

6. Qual é a URL do seu museu?

7. O seu museu tem redes sociais?

8. Em caso afirmativo, que redes é que o seu museu gere?

9. O seu museu está presente em projetos Wikimedia?

10a. Número de trabalhadores a tempo integralo, remunerados e voluntários

10b. Existe um ou mais trabalhadores designados que são exclusivamente responsáveis pela documentação e registo das coleções?

10c. Se a sua resposta foi parcial, quantas horas por semana dedica a este trabalho?

11. Num contexto pré-pandêmico (2019), quantos meses do ano está aberto ao público?

12. As visitas são efetuadas com marcação prévia?

13. Estimativa da percentagem de visitas nacionais e internacionais

14. O museu dispõe de uma coleção própria?

15a. Qual a percentagem da coleção que dispõe de um inventário (lista simplificada)?

15b. Em que formato se encontra o inventário?

16a. Qual a percentagem da coleção que dispõe de um catálogo (descrição pormenorizada)?

16b. Em que formato se encontra o catálogo?

17a. Considera que as informações do acervo do seu museu são suficientemente seguras e protegidas?

17b. Em caso afirmativo, como é salvaguardado?

17c. Melhoraria o seu modo de guarda? Como?

18a. Segue algumas diretrizes, normas ou padrões para informar o seu trabalho de tomada de decisões e documentação?

18b. Em caso afirmativo, qual delas considera suficiente?

18c. Estaria interessado em colaborar com o CIDOC para elaborar guias de trabalho em rede?

19. Que percentagem da sua coleção contém informações básicas para identificar o objeto [0,1%-20%]?

19. Que percentagem da sua coleção contém informações básicas para identificar o objeto [21%-40%]?

19. Que percentagem da sua coleção contém informações básicas para identificar o objeto [41%-60%]?

19. Que percentagem da sua coleção contém informações básicas para identificar o objeto [61%-80%]?

19. Que percentagem da sua coleção contém informações básicas para identificar o objeto [81%-99,9%]?

19. Que percentagem da sua coleção contém informações básicas para identificar o objeto [100%]?

20a. A sua coleção está acessível em algum portal (interinstitucional, nacional ou internacional)?

20b. Em caso afirmativo, qual? (URL)

21. Que percentagem da sua coleção está acessível online?

22. Com que frequência são atualizadas as informações da coleção em linha?

23. Que percentagem da sua coleção tem fichas de identificação de objetos?

23. Quais das seguintes organizações internacionais conhece?

24a. Participa ou participou em reuniões profissionais de museus relacionadas com a documentação?

24b. Em caso afirmativo, qual(ais)?

25. Quais são as instituições de referência profissional para o seu museu?

26. O seu museu tem alguém que trate do licenciamento legal de conteúdos online (direitos de autor e direitos conexos)?

27. O meu museu valoriza o trabalho de documentação.

28. O meu museu tem objetos valiosos e importantes que fazem parte do património da humanidade.

29. O meu museu valoriza o compartilhamento da coleção a nível mundial.

Observações adicionais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alcántara, L. (2023). *Apuntes sobre una revolución digital: la construcción de bases de datos para la investigación humanística*. Revista Ichan Tecolotl, 34(374). <https://ichan.ciesas.edu.mx/apuntes-sobre-una-revolucion-digital-la-construccion-de-bases-de-datos-para-la-investigacion-humanistica/>
- Borja, J. (2018, 4 de mayo). *Cultura digital: El museo y las nuevas tecnologías* [Video]. You Tube. Banrepcultural. <https://www.youtube.com/watch?v=fjJrPW4m2aQ>
- ETHCOM-ICOM. (2020). *Normas de catalogación Del Consejo Internacional de Museos*. Consejo Internacional de Museos.
- García Ferrando, M. (1993). La Encuesta. En García M, Ibáñez J, Alvira F. (Eds.), *El análisis de la realidad social. Métodos y técnicas de investigación* (pp. 141-170). Alianza Editorial.
- Hockey, S. (2004). The history of Humanities Computing. En Susan Schreibman, *A Companion to Digital Humanities* (pp. 13-15). Oxford: Blackwell Publishing.
- ICOM. (2017). *Código de deontología del ICOM para los Museos*. Consejo Internacional de Museos.
- UNESCO. (2006). *Medidas jurídicas y prácticas contra el tráfico ilícito de bienes culturales*. UNESCO.

